



## INTERNET E EDUCAÇÃO: A COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPORAL E O CIVISMO

Rafael Araújo<sup>1</sup>

**Resumo:** Discute a relação entre a Internet e a educação para o civismo. Parte-se de uma análise do processo de compressão espaço-temporal, que se acirra com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). A imaterialidade das relações e o individualismo são consequências de um mesmo processo que afasta os homens do mundo e os vincula a simulacros, e a presença da técnica tende a dar força a esse processo. Dessa forma, a velocidade das trocas simbólicas realizadas através das infovias acaba por exercer diversos impactos nos processos educacionais, destacando-se a falta de cultura política. Trata-se de uma situação difícil de ser modificada, no entanto, ao debater a relação entre a Internet e a educação, esse texto também procura apontar caminhos para a constituição de um civismo a partir da presença das TIC no cotidiano.

**Palavras-chave:** Educação. Internet. Civismo. Compressão espaço-temporal.

**Abstract:** This article discusses the relationship between Internet and education for civism. It starts with an analysis of the time-space compression, which intensifies with the advent of Information and Communication Technologies (ICT). The immateriality of the relations and the individualism are consequences of the same process that separates men from world and insert them in simulacrum and the presence of technology tends to give enhances to this process. Thus, the speed of symbolic exchanges through infoways ultimately exert different impacts on educational processes, emphasizing the lack of political culture. It is a difficult situation to be changed. however, this text seeks to emphasize the possibilities of constructing civism based on everyday ICT use.

**Keywords:** Education. Internet. Civism. Time-space compression.

### 1 Introdução

Os homens estão conectados ao mundo e, ao mesmo tempo, trancados em casa, numa estranha sensação de solidão e pertencimento. O internauta conhece pessoas que podem não

---

<sup>1</sup> Professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e da PUC-SP. Pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP.

existir e se apaixonar por elas. Toma conhecimento, através da tela, de um acontecimento ocorrido do outro lado do mundo, em tempo real, e sente prontamente as consequências em seu cotidiano, como se não houvesse fronteiras entre nações e culturas. O mundo do trabalho, esse mundo central e hegemônico, também incorpora as tecnologias e a velocidade nos meios de produção. Trata-se de uma nova sensação, que pode ser percebida pela alteração da relação entre tempo e espaço. O resultado é um cotidiano cada vez mais tecnicizado e relações cada vez mais efêmeras.

Na medida em que as fronteiras perdem sentido, os indivíduos têm sua identidade alterada. Essa sensação merece ser apontada como algo revolucionário e em revolução porque altera a percepção humana da realidade e permite novas configurações nas relações sociais. Essa nova sensação seria, portanto, um acúmulo de sentidos passados, somados a uma radicalização da mudança da relação entre tempo e espaço causada pelas novas tecnologias, especialmente as de informação e comunicação.

Interessa, neste texto, discutir as consequências do convívio com a velocidade trazida pela Internet para as relações sociais, e também para a existência humana, buscando compreender o tempo como constitutivo de nossa condição e suas implicações para a educação cidadã. Para isso, devemos retomar sentidos de nossa própria história a fim de evitar a banalização de nossa existência e inspecionar a violência com que a relação tempo-espaço tem sido convulsionada, a partir da modernidade e, ainda, com maior ênfase, com o advento das mídias eletrônicas, modificando as percepções humanas e alterando diretamente o cotidiano. Diante desse cenário, a Internet exerce papel central no debate sobre a educação. Dessa forma, este texto procura apontar possibilidades para uma reflexão sobre a relação entre as tecnologias de informação e comunicação, e o desenvolvimento de uma forma específica de educação, mais abrangente que o mero acúmulo de conteúdos, e que se volta para o civismo.

Norbert Elias, em seu livro *Sobre o Tempo*, faz uma interessante análise sobre o tema e nos oferece uma metáfora para iniciarmos nossa reflexão:

Li, certa vez, a história de um grupo de pessoas que subia cada vez mais alto no interior de uma torre desconhecida e muito elevada. Os da primeira geração chegaram até o quinto andar, os da segunda, até o sétimo, os da terceira até o décimo. No correr do tempo, seus descendentes atingiram o centésimo andar. Foi então que a escada desmoronou. As pessoas se instalaram no centésimo andar. Com o passar do tempo, esqueceram-se de que um dia seus ancestrais haviam habitado os andares inferiores, e também a maneira como elas mesmas haviam chegado ao centésimo andar. Passaram a considerar o mundo, bem como a si mesmas, a partir da perspectiva do centésimo andar, ignorando como os seres humanos haviam chegado ali. Chegavam até a acreditar que as representações que forjavam para si a partir da perspectiva de seu andar eram compartilhadas pela totalidade dos homens (Elias, 1998, p. 108).

A humanidade modificou-se ao longo dos anos a partir de sua inquietude e de necessidades pontuais, controladas através do tempo, respeitando um ritmo que permitia digerir

as informações de uma forma gradativa e constante, garantindo, sem prejuízo do novo, adaptação aos homens. A arqueologia de nossos saberes nos permite visitar o passado como forma de entender nossa condição presente e futura. Podemos fazer isso com nossas instituições e também com os meios de comunicação. Segundo Elias, “é lembrando do passado que descobrimos a nós mesmos” (1998, p. 108). Diante da realidade contemporânea, vemos a tecnologia alterar todos os processos, no que diz respeito ao ritmo e à qualidade. Trata-se de uma realidade sem volta. Mal sabemos como um dia foi possível viver sem o uso de alguns produtos, nos adaptamos a eles e moldamos todos os processos sociais a essa realidade. De todas as mudanças ocorridas no cotidiano dos homens, talvez, as propiciadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) tenham possibilitado as mudanças mais significativas. É preciso examinar com cuidado esse impacto, avaliando seu significado para a constituição do homem e, por conseguinte, para sua educação. Para tanto, vale a pena não perder de vista alguns dos princípios mais essenciais do processo de sociabilidade.

## **2 A compressão espaço-tempo e os processos de sociabilidade**

A mídia gera e transmite informações através de temporalidades impostas aos indivíduos. O conjunto das informações não herdadas geneticamente, mas transmitidas socialmente é denominado por Montagu (1988) como cultura. Para esse autor, o homem é um ser cultural porque é capaz de vincular o tempo, podendo criar, transmitir e manter o passado no presente. A sociedade midiática caracteriza-se por sua cultura tecnicista e messiânica (Baitello, 1997), pela forma como exalta suas conquistas e facilidades na construção de um mundo que promete a felicidade. Cabe, no entanto, olhar com suspeita para tais promessas.

O termo usado por alguns autores para fazer referência a essa atual configuração espaço-temporal tem sua origem no grego *drómos*, que significa corrida, deslocamento rápido. A dromologia é citada por Virilio (1993; 1997) como estudo da velocidade – e, portanto, do movimento – que se impõe nas sociedades modernas pela compressão do espaço a partir dos transportes e dos meios de comunicação. A consideração do tempo na mídia eletrônica, exponencialmente na Internet, implica considerar a velocidade imediata propiciada pela eletricidade no intercâmbio de informações e, por essa mesma característica, a imobilidade que induz aos indivíduos, na medida que a multiplicidade de significados que se ofertam são efêmeros e descartáveis. Essa multiplicidade e essa velocidade sugerem um cenário em que há pouco espaço para a reflexão e para o contato com o mundo, elementos essenciais para a constituição do civismo.

Não se pode mais dominar o espaço, pois tornou-se um não-espaço. Segundo Paul Virilio (1997), o não-lugar é o espaço de deslocamento entre dois pontos conhecidos, de tal forma que o espaço virtual é também um não-lugar. Tampouco se pode dominar o tempo, pois

não corresponde mais ao corpo biológico ou aos fenômenos da natureza, acelerado ao extremo, é autônomo e autotélico. O tempo construído pela mídia eletrônica caracteriza-se pela superficialidade com que os significados são veiculados, mas também por sua velocidade.

A velocidade, segundo Virilio (1993), é o capital das sociedades modernas. A realidade não é mais definida temporal e espacialmente, mas virtualmente. É possível estar em todo lugar e não estar em parte alguma. Essa realidade é considerada de forma messiânica por alguns autores, como possibilidade de potencializar a democracia, mas, de fato, é preciso cuidado com essa afirmação. É possível considerar, de forma antagônica, que há uma dissimulação das possibilidades políticas, uma vez que se inflaciona o senso comum e se aniquila o pacto ancestral que o homem tinha com a imobilidade, com a escuridão, com a exaustiva busca de significados para a existência. Esse pacto sempre foi condição para a constituição do cidadão participativo, pois o pensar, como característica humana, precisa de certa temporalidade para que se realize.

De acordo com o futurista italiano Filippo Tommaso Marinetti (1968), a velocidade é a violência em todos os âmbitos. Virilio, em sua obra *Velocidade e Política* (1997), faz uma importante análise da maneira como a velocidade foi se impondo ao longo da globalização, propiciando a guerra continuada pela busca desenfreada de velocidade. Contemporaneamente, a ideia de aldeia global nos apresenta um mundo acostumado à velocidade e com a eliminação dos espaços de forma contundente. Virilio (1997) fala de cidades virtuais para tratar a maneira como o ciberespaço tem sido usado para trocas simbólicas e econômicas sem que o território se imponha como a questão central. Pelo contrário, pois nesse novo cenário, o espaço cede importância ao tempo.

A Internet parece resolver o problema do domínio das informações, como uma grande enciclopédia capaz de assegurar a todos todo o conhecimento disponível. Mais do que isso, a Internet promete ser uma rede em que os internautas podem atuar, formulando uma pergunta e prontamente recebendo uma resposta. Aqui a questão da veracidade da informação vale menos que a velocidade com que é encontrada. Essas características, asseguradas pelas tecnologias, têm sido propaladas por alguns educadores, indicando suas potencialidades e facilidades para o desenvolvimento dos estudantes. Não queremos aqui entrar no mérito do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no cotidiano de sala de aula, mas ponderar sua influência a partir de uma perspectiva mais ampla de educação, aquela que concebe a necessidade de formar cidadãos.

O cidadão virtual, o internauta, executa uma democracia presentativa e não mais representativa. Se a representação como forma de viabilizar o governo democrático manifesta a dificuldade de poder atender às divergentes opiniões dos cidadãos, a Internet promete a possibilidade de fazer valer a opinião individual de seus internautas. A sensação é de um ganho democrático quando vemos ser possível tomar decisões políticas a partir de consultas virtuais,

como ocorre com as diversas enquetes e pesquisas *online* em *blogs*, portais diversos e *websites* governamentais. Nada garante, no entanto, a segurança e a qualidade das opiniões emitidas, uma vez que a *ágora* se torna virtual. A questão que se coloca é que a democracia presentativa forneceria um modelo de tomada de decisões a partir da *doxa*, e a reflexão e o debate desapareceriam. A catástrofe se justifica pela boa tentativa de fazer agir politicamente o cidadão, mas sua virtualidade e sua operação pautada pela velocidade elimina a reflexão em comum. Ao imaginarmos que essas cidades virtuais estão mediadas por uma indústria cultural já adaptada à dromocracia, podemos antever o perigo existente no vínculo entre a política e o ciberespaço.

É possível minimizar esse pessimismo com algumas experiências positivas, já registradas e analisadas em outros lugares. No entanto, a questão da temporalidade no espaço virtual está presente, qualquer que seja a tendência da análise, e essas considerações nos parecem importantes. O geógrafo Milton Santos também abordou a questão da espacialidade em sua supressão temporal. A constatação da mobilidade como regra implica o perigo de se perder vínculos com o lugar e com as relações que efetivamente se operam neles. Segundo Santos:

o movimento se sobrepõe ao repouso. Os homens mudam de lugar (...) mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. Daí a ideia de desterritorialização. Desterritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização (Santos, 1996, p. 262).

O resultado é a fissão dos sistemas simbólicos, que se constituíram a partir de práticas sociais e culturais, e que compõem a cultura e caracterizam o lugar. O contato com o ciberespaço implica a construção de novas cadeias de significação que darão forma à cibercultura. Considerando a rede de significações que se estabelece nas cidades virtuais e que compreende a ação social a partir da inércia espacial e, ao mesmo tempo, do movimento temporal, o termo cibercultura poderia ser substituído por dromocultura, a fim de se evidenciar a velocidade com que ocorrem as práticas simbólicas nas infovias.

O contato das sociedades com a dromocultura faz emergir um conflito entre o local e o global, o homogêneo e o heterogêneo. As práticas sociais, políticas e econômicas, bem como as instituições e os indivíduos, passam a reorganizar seus trajetos e características, reconstruindo, ativamente, a existência em sua significação, além de reestabelecer o espaço e o tempo de formas distintas. Nesse sentido, Santos confirma que

a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. (...) Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente (Santos, 1996, p. 272).

O convívio que se estabelece entre o real e o virtual a partir das práticas dos cidadãos midiáticos, especialmente os que têm acesso ao ciberespaço, implica, sobretudo, pensar como a consideração da práxis a partir de uma referência espacial virtual caminha por se estabelecer de forma autônoma, independentemente dos próprios indivíduos. A velocidade com que se consolida uma cultura virtual oferece aos homens um espetáculo sedutor e cria a sensação de que os signos brotam a partir do presente, rompendo com a própria história. A convulsão do tempo social se mostra ameaçadora na proporção em que se perde o fio da história com as bases em que se estabeleceram as cadeias simbólicas. As imagens passam a dispensar o referente e a constituir-se de forma independente, o mesmo ocorrendo com as linguagens, personagens e informações diversas. Com isso, o homem não está simplesmente usando a mídia para fazer veicular uma informação a outro homem, mas está se relacionando com informações cujo emissor muitas vezes está oculto ou diluído. No entanto, isso não faz com que se questione a veracidade das informações, já que elas são simplesmente aceitas e adicionadas ao cotidiano. Para retomar a metáfora fornecida por Elias (1998), o risco que se corre em habitar o centésimo andar, ignorando como se chegou ali é a banalização da existência e das ideias.

Os impactos causados pelo crescimento da cibercultura são considerados também por Lévy (1996) como a massificação e o cálculo do conseqüente fortalecimento do capitalismo globalizado, a partir do aumento do consumo dos bens culturais e materiais produzidos pela indústria cultural. Mas o autor dedica a maior parte de sua análise a enxergar outras possibilidades para o fenômeno de que estamos tratando. Lévy aponta para a oportunidade que a cibercultura oferece de acompanharmos

as tendências mais positivas da evolução em curso e cria[r]mos um projeto de civilização centrado sobre os coletivos inteligentes: recriação do vínculo social mediante trocas de saber, reconhecimento, escuta e valorização das singularidades, democracia mais direta, mais participativa, enriquecimento das vidas individuais, invenção de formas novas de cooperação abertas para resolver os terríveis problemas que a humanidade deve enfrentar (Lévy, 1996, p. 118).

A avaliação otimista das possibilidades da cibercultura traz consigo o risco de ignorar os prejuízos que causa, a contar do fortalecimento do grau de distinção material entre classes sociais. O caráter dromológico que estamos considerando impede que os benefícios do mundo virtual sejam socializados de maneira equânime, fazendo com que a maioria da população seja vítima da compressão espaço-temporal que se tem promovido desde o advento da mídia eletrônica, sem que os benefícios do mundo virtual sejam devidamente socializados. Mesmo considerando o sucesso de programas de inclusão digital, a velocidade com que as tecnologias se desenvolvem impossibilita que elas sejam partilhadas, chegando, muitas vezes, de forma defasada à população. Diante da balança de prós e contras, somente podem desfrutar dos

benefícios os que materialmente têm acesso à tecnologia e aos saberes necessários para a cibercultura. Esses saberes, certamente, permitirão a alguns uma vida mais confortável, com suas possibilidades ampliadas, porque condizem com a velocidade crescente do mundo. No entanto, a ausência desses saberes na maioria das pessoas soma-se à balança como um fator contrário à igualdade. Nesse sentido, a dromocultura, pelo menos até agora, tem contribuído para a manutenção da hegemonia daqueles que convivem com a velocidade e a virtualidade, e possuem as ferramentas necessárias para adaptar-se e, principalmente, para instrumentalizar-se.

Esse debate, no entanto, aos poucos se esvazia. Hoje vemos na literatura especializada uma aposta na ampliação do acesso ao mundo virtual. O Brasil já soma mais de 70 milhões de pessoas conectadas à Internet, o que coloca o país como o quinto em número de internautas do planeta. Não é pouco. Ocorre que, ao se avaliar os sítios de interesse, ou mesmo a qualidade dos debates que se estabelecem na Web, rapidamente é possível constatar uma ausência de cultura política entre os usuários. Quer dizer que os aspectos positivos, crescentes com a rápida socialização do acesso, esbarram na falta de interesse pela política e na argumentação rasa, vazia de criticidade, que encontramos na maioria dos fóruns da Internet.

A que se deve isso? Certamente não é apenas pelas características do ciberespaço. Trata-se de algo anterior, fruto de um longo processo de banalização da educação ocorrido não apenas pelo sucateamento do ensino, mas pela imposição da velocidade no cotidiano dos homens. Isso, é claro, é fortalecido pelas Tecnologias de Informação e Comunicação. A velocidade da comunicação é a mesma velocidade das trocas simbólicas, que está de acordo com o ritmo da produção e consumo (Harvey, 1989), a corrosão do caráter (Sennett, 1999) e a liquidez da vida (Bauman, 2007). A imaterialidade das relações e o individualismo são consequências de um mesmo processo, que afasta os homens do mundo e os vincula a simulacros. A presença da técnica tende a dar força a esse processo. Portanto, ao identificarmos a falta de cultura política nos cidadãos estamos lidando com uma realidade difícil de ser modificada. Primeiro, porque de fato a política não se mostra interessante, assim como a leitura e a lentidão dos processos sociais. A lei do novo, de que nos fala Santos (1994), é imperativa nas cidades modernas, e os homens estão desabitados ao tempo reflexivo. Segundo, porque existe uma parafernália de inutilidades e futilidades que são extremamente sedutoras e são acompanhadas de uma potente indústria do lazer, que ocupa todo o tempo humano que o mundo do trabalho não ocupa. E não seremos nós, aqui, a condenar os homens que, sugados ao máximo pelo trabalho exaustivo, procuram diversão barata nas telas como ato de sobrevivência mental. Queremos apenas reforçar que o lazer propiciado pela tela ocupa um precioso tempo de reflexão, de contato com o mundo.

O tempo está sendo aqui considerado como um *continuum* que se rompe pelo advento das mídias eletrônicas. É preciso levar em conta que esse rompimento se deve, também, à evolução dos transportes e à reorganização dos meios de produção. Virilio, em seu livro *O*

*espaço crítico* (1993), já abordara o assunto, apontando suas consequências, como o desemprego, o fechamento de empresas, a terceirização, o teletrabalho, a diminuição das distâncias físicas a serem percorridas e a substituição do contato face a face. A substituição da interação presencial pela mediação eletrônica implica a representação instantânea do espaço, subtraindo a realidade sensível de um processo de co-produção.

A observação direta dos fenômenos visíveis é substituída por uma teleobservação na qual o observador não tem mais contato imediato com a realidade observada. Se este súbito distanciamento oferece a possibilidade de abranger as mais vastas extensões jamais percebidas (geográficas ou planetárias), ao mesmo tempo revela-se arriscado, já que a ausência da percepção imediata da realidade concreta engendra um desequilíbrio perigoso entre o sensível e o inteligível, que só pode provocar erros de interpretação tanto mais fatais quanto mais os meios de teledetecção e telecomunicação forem performativos, ou melhor: videoperformativos (Virilio, 1993, p. 23).

Os avanços tecnológicos promovidos pela modernidade têm permitido um progressivo esvaziamento do indivíduo, especialmente no que diz respeito à sua percepção espaço-temporal. O espaço material gerou, por meio da técnica, a possibilidade do espaço virtual, o que permitiu deslocar relações sociais de seus contextos originais, criando para elas novos cenários, mais volúveis e difusos. Segundo Lévy, no entanto, “o virtual não se opõe ao real e sua efetivação material, mas sim ao atual” (Lévy, 1996, p. 16). O virtual, nesse sentido, seria a extensão do real que se apresenta em potência e se efetiva em ato no ciberespaço. As imagens virtuais fazem mediação da realidade e se mostram como possibilidade daquilo que materialmente não se realiza. Com isso, podemos encontrar no ciberespaço uma possibilidade de reencantar o mundo e fazer viver os mitos que a razão coibiu. Contudo, é preciso deixar claro que essa realização deve permanecer limitada virtualmente, para que não promova conflitos na existência dos indivíduos e, principalmente, para que não forneça, como consequência para o mundo real, o incentivo da alienação.

O enfrentamento das possibilidades do ciberespaço implica a adequação aos fluxos que estabelece. O que antes possuía dimensões concretas se transforma em impulsos elétricos em constante movimento e deslocamento, daí surgindo a sensação de não-lugar, de inexistência do espaço, de desterritorialização. Augé (1994) nos diz que o lugar normalmente é associado a uma materialidade definida por relações simbólicas, míticas, identitárias e históricas do grupo social a que pertence e o não-lugar é marcado por uma relação com o espaço sem tais pressupostos. São não-lugares os espaços que promovem a ausência de identidade das pessoas, espaços em que não se habita e não se socializa. O ciberespaço, ainda que se caracterize como um lugar de passagem por ser movimento constante e ser deslocamento contínuo de significados, configura-se, ao mesmo tempo, como possibilidade de criação de vínculos identitários a partir da comunicação virtual entre indivíduos, da ressignificação da memória e da leitura hermenêutica. O ciberespaço, portanto, tem um caráter dialético, pois ao mesmo tempo que possibilita a

formação de tribos identitárias e socializações, também possui as características de um não-lugar que não se fixa, que não propicia raízes, por seu movimento contínuo e autônomo, e por sua afinidade com simulacros.

### **3 Internet e educação cidadã**

A partir dessa ambivalência, avaliar a relação entre a Internet e a cidadania passa a ser algo ainda mais delicado. Por um lado, o ciberespaço impede que sejam estabelecidos laços entre os cidadãos e suas cidades, dando um caráter imaterial para algo que deveria ser concreto. Por outro, essa imaterialidade das relações é uma realidade presente nas metrópoles contemporâneas, gerada e abastecida pelo sistema-mundo capitalista, e é responsável por boa parte das informações que compõem a opinião pública. Então, a questão do civismo se vê diante de uma realidade tal que não é mais possível ignorar a presença das TICs no cotidiano. Trata-se, portanto, não de um lamento à falta de cultura política gerada pela efemeridade da Internet, mas identificá-la como elemento central do cotidiano das cidades e explorar as possibilidades de ação política, a despeito dessa realidade, a fim de se construir um ciberativismo que, aos poucos, seja capaz de fomentar uma cultura cidadã.

É preciso levar em conta que a mídia eletrônica promove um novo tipo de socialização por fornecer aos indivíduos informações velozes que vencem o espaço e subtraem o tempo, além de fomentar o imaginário com infinitas possibilidades de expressão. Mas também é preciso levar em consideração que essa velocidade promove a distância entre o indivíduo e o mundo. A socialização virtual tem um caráter solitário, por permitir ao indivíduo o uso de máscaras e preservar seu anonimato. Aqui vemos uma possibilidade de resistência ao ordenamento do mundo, aos limites morais, ao proibido, e é nesse sentido que se situam alguns movimentos de contracultura existentes na Internet, bem como inovadoras formas de expressões artísticas e políticas. Diferentes tribos eletrônicas encontram no ciberespaço um caminho de engendrar movimentos de massa e interferir diretamente na realidade, suscitando novas possibilidades para a sociabilidade e para a política.

Se podemos encarar os cidadãos virtuais como seres privilegiados por transitarem nas duas esferas, a material e a virtual, e por encontrarem a possibilidade de resistir ao mundo racional, também devemos lembrar que a junção desses dois espaços implica uma evolução desastrosa no que diz respeito ao entendimento natural do corpo humano como fonte primária de socialização e comunicação. Enquanto vemos o avanço das infovias e da dromocultura como condições que alteram o real, vemos os corpos artificializando-se e abandonando sentidos concretos para substituí-los por sentidos efêmeros, mais adaptados ao novo *habitat* virtual. É preciso atentar para as relações afetivas que sempre vincularam os indivíduos e para a forma

como têm sido violentadas pela velocidade das informações, pelo tempo de produção, pelos deslocamentos contínuos e pelo isolamento espacial.

Harvey (1989), ao falar de “compressão tempo-espço”, amplia a discussão do movimento já previsto por Marx, mas acirrado contemporaneamente, para um colapso que, além de atingir o capitalismo em sua coesão, atinge o próprio indivíduo. Trata-se do colapso do mundo em cada sujeito, ou seja, um colapso no mundo subjetivo e imaterial, e não apenas no objetivo e concreto. A pós-modernidade é tratada por Harvey (1989) como uma modificação perceptiva, e a modificação violenta da relação tempo-espço fornece importantes pistas para seu entendimento.

As conexões que se estabelecem na cidade virtual reclamam a necessidade de espaços de fixação. As informações mediadas eletronicamente se deparam com a impossibilidade de se estabelecerem na dinâmica da rede, e também nos próprios indivíduos. O deslocamento das informações fixa de forma setorializada e fragmentada, aumentando a sensação de efemeridade. Assim, o indivíduo pós-moderno tem diante de si a necessidade de revisitar a história passada e os fatos presentes, mas tem poucos recursos para compreendê-los, uma vez que se isola de forma progressiva e se interessa cada vez menos pela reposição de sentidos que somente o pensamento é capaz de empreender, como propõe Hannah Arendt (2001) ao desenvolver seu conceito de “pensar”.

O homem pode sentir-se incluído socialmente como produtor e consumidor, mas isso não garante sua felicidade. A sensação de solidão, típica da modernidade e tão bem caracterizada por Baudelaire, deu lugar à sensação de abandono. O indivíduo existe enquanto número e sua identidade se mostra fragmentada num espaço de incertezas e imaterialidades. Por isso, sua ação parece ser insignificante. Trata-se, portanto, de identificar um homem que é educado para lidar com um mundo individualista, e o fato de perceber-se, vez ou outra, como um ser social, gregário, lhe é angustiante, porque sabe-se abandonado. Por isso, é preciso que haja um movimento de resistência, que implica uma arqueologia do que somos e da sociedade que construímos. Tal empreendimento pressupõe uma ação coletiva, com tempo de reflexão e adaptação, além de uma comunicação que considere a subjetividade e o poder simbólico implícito em cada indivíduo.

Perseguindo essa ação coletiva, para discutir a relação entre a Internet e a educação para o civismo, recuperamos a ideia de *paideia*, ideal de educação da Grécia Antiga. Para os gregos, a educação era a passagem de um legado de uma geração a outra, e a formação do cidadão, capaz de mandar e obedecer, tendo por fundamento a justiça. Entendemos que o próprio conceito de educação deve confundir-se com esse ideal, uma vez que a tarefa de apresentar o mundo aos jovens deveria implicar a necessidade de apresentá-lo como desejo de fundar um mundo justo. Uma concepção assim indica a superação de uma visão conteudista de educação, e chama a atenção para o reconhecimento de que educar é preparar para a vida. Ao nos

perguntarmos sobre a relação entre a Internet e a educação, queremos então perscrutar as possibilidades de se constituir um civismo a partir da presença das TICs no cotidiano.

Ao dimensionar a realidade efêmera que se firma a partir da compressão espaço-temporal propiciada pelas tecnologias, temos que nos perguntar quais as características precisamos encontrar na Internet para que a *ágora virtual* signifique uma nova *paideia*. A Internet, diferente dos outros meios de comunicação de massa, possibilita uma maior interatividade entre os usuários e a possibilidade de um receptor transformar-se em emissor, quando agrega informações postando comentários, imagens e vídeos nos *websites*. Há, portanto, do ponto de vista técnico, a possibilidade de debate, materializada em *blogs*, redes sociais e outros espaços característicos da *Web 2.0*. Assim, a questão gira em torno da frequência, mas, principalmente, da qualificação do debate.

Uma educação para o civismo implica o contato com o mundo. É preciso que se criem condições para que os indivíduos tenham contato com sua cidade e com os outros habitantes, para que desse contato surjam experiências simbólicas que possam ser permutadas. A dinâmica social se desenvolve a partir da interação simbólica de diferentes grupos. É assim que os grupos sociais estabelecem uma relação de imbricação, pela qual os signos entram em rotação, permitindo que se firme uma rede de partilha de sentidos. As redes tecnossociais guardam semelhança com essa dinâmica. Ao olhar para a Internet é preciso identificar a possibilidade de se potencializar trocas simbólicas, mas é preciso atentar para o fato de que essas trocas são privadas da interação face-a-face, com todas as suas implicações, e de uma temporalidade que dificulta que as experiências sejam apreendidas. Os próprios temas que são compartilhados, na maioria das vezes, são meras reproduções que mantêm a mesma lógica tradicional e aposta no comércio do mesmo para assegurar a audiência. O novo, na pós-modernidade, é o velho modificado. No ciberespaço, a luta pelos acessos obriga os sites de maior visitação a manterem o teor de suas programações e opiniões. Não há espaço para o risco com um público tão volátil e com tanta concorrência pelo acesso.

Pensar a Internet como um elemento central para a educação nos dias de hoje implica o reconhecimento de que sua presença é permanente e de que faz parte do cotidiano dos jovens. Isso quer dizer que a formação dos jovens de hoje deve, na maioria dos casos, contar com a presença das tecnologias, seja na escola, em casa, no trabalho ou em qualquer espaço de socialização.

Partimos do princípio de que a educação é um processo de inclusão no mundo e deve ser pautada pelo civismo. Educar um jovem é apresentá-lo ao mundo, mas é também apresentar o mundo a ele (Arendt, 2001). O mundo dos homens, esse que deve ser apresentado, guarda em si essa dialética, a de que está aberto a receber os indivíduos na mesma medida em que os prepara para serem recebidos.

Se o princípio que partimos está correto, temos de reconhecer que o processo educacional, na sua acepção mais ampla, pode resultar em uma adaptação do indivíduo ao mundo e, na mesma medida, pode resultar na sua não adaptação. De forma que não se pode afirmar um jeito correto de educar sem que antes se estabeleça um parâmetro. Nesse sentido, os pensadores da educação, assim como os pensadores da sociedade, devem ter em mente que tipo de vida temos construído até então, e que tipo de vida queremos construir. Se a análise das relações de poder desvela os mecanismos de manutenção da desigualdade entre os homens, que resulta em sofrimento e miséria para parte expressiva da humanidade, os homens, ao serem educados, devem ter em mente os mecanismos desse processo e serem preparados com a consciência da mudança a fim de que possam ser peças dinâmicas de transformação do mundo. Do contrário, se partíssemos do princípio de que o mundo está de acordo com nossas expectativas, que as relações de poder cumprem o papel de construir o mundo que queremos para nós, então o processo educacional deveria voltar-se para a capacitação dos homens, para o aprendizado das técnicas de manutenção dos mecanismos que firmam nossa sociedade do jeito que já está.

Então, a questão essencial da educação é saber que jovens queremos entregar ao mundo, antes mesmo de identificar o mundo que desejamos apresentar a eles. A Internet, nesse processo, exerce papel central. Numa primeira abordagem, por ser sintoma de uma evolução técnica que impôs a velocidade aos processos de socialização, dificultando, pela sedução do efêmero, o contato qualificado com o mundo. Mas, em uma segunda abordagem, partindo do princípio que essa realidade tecnossocial não é passageira, longe de romantismos, é preciso avaliar quais os potenciais que essa mídia oferece para a reposição de um civismo, há muito perdido. Cabe, ainda, nos interrogar se a Internet, com toda a velocidade que impõe, permite um questionamento do mundo, a ponto de modificá-lo, ou possibilita a sua manutenção.

A questão que se coloca é que a velocidade da Internet, somada ao espírito tecnicista e consumista das sociedades contemporâneas, tem deixado pouco espaço para a mudança. Esse caráter efêmero do mundo tem sido cada vez mais destacado pelos autores que veem a sociedade modificando-se muito rapidamente, atendendo ao chamado do capital. Essa velocidade é cada vez mais imperativa, e significa uma devoração do espaço e da experiência, afastando o homem do *mundo da vida* e o entregando ao *mundo do sistema*<sup>2</sup>. A comunicação de massa reflete muito bem isso, assim como as informações que circulam pela Internet. Basta atentarmos para a forma com que as ideias, fatos e dados desaparecem diante de nossos olhos com o passar das edições de jornal, com a banalização dos argumentos, e a superficialidade com que são narrados. Nossas histórias são todas banalizadas pela comunicação rasteira e veloz. Somos devorados pela informação e cada vez menos nos permitimos as vivências.

---

<sup>2</sup> Aqui referimo-nos aos conceitos trabalhados por Habermas na sua *Teoria da ação comunicativa*. Cf. Habermas, 1989.

Essa escassez de vivências, é verdade, não foi gerada pela Internet. Entendemos que a *Web*, uma vez que surgiu nesse contexto, e não poderia ter surgido em outro, contribui para a manutenção dessa realidade, pois a velocidade é sua natureza. Se nossa tendência é apontar para o fato de que a Internet possibilita a manutenção do mundo do jeito como ele está, é porque a racionalidade técnica é imperativa e a velocidade adapta-se ao modo de vida do sistema. Mas não entendemos que se trate de uma situação sem saída. Ao identificarmos a realidade social pautada pelo abandono e escassez, entendemos que tal realidade é produto do sistema-mundo, das metrópoles contemporâneas, do capitalismo globalizado. Vemos, ainda, que a Internet insere-se nesse processo como elemento dialético. Se, por um lado, é possível reconhecê-la misturada à base de sustentação desse processo sistêmico, por outro, identificamos a possibilidade de resistência através dessa mídia, graças ao seu caráter plural e interativo. É através da Internet que vemos a possibilidade de confrontar fontes de informação e questionar o simulacro do mundo, que os meios de comunicação de massa bem sabem produzir.

Lidar com simulacros, de fato, não pode permitir uma educação cívica. Quando usamos qualquer meio para reproduzir a representação do mundo, estamos nos privando de experienciá-lo. Por que o fazemos? Teria sido essa a única forma que encontramos de compreender o mundo, de lidar com ele diante de sua incomensurabilidade? Já faz tempo que lidamos com o mundo a partir de superfícies. Talvez nem sequer possamos resgatar de nossa memória o momento em que foi diferente, quando nos relacionávamos com as profundezas, lugar onde a lentidão nos obriga o ruminar das experiências. Já faz tempo que vivemos na superfície lisa da vida, ignorando suas rugosidades.

Mas é o estabelecimento de sentidos o que qualifica as ações humanas, que as diferencia de gestos mecânicos. A interação humana resulta de um simbólico, que lhe é próprio, e o reelabora constantemente. Se o que nos faz humano é esse caráter simbólico e essa permutação de interpretações, então é de se supor que essas características não estejam totalmente ofuscadas. Há sempre a possibilidade de resistir à velocidade, de valorizar o pensamento, de ampliar os sentidos. A Internet pode exercer um papel interessante nesse processo, quando possibilita o contato, mesmo que ainda frágil, de pessoas que as cidades impedem de se encontrar. O contato pela Internet possibilita um novo tipo de experiência, diferente das vivências nas cidades, mas afinada com a velocidade do mundo. Pela Internet é possível articular políticas públicas, formar opinião pública, fortalecer a participação democrática, prestar contas de ações de Estado, acompanhar leis e formar pautas de debates. Temos, no entanto, ao assumir a Internet como possibilidade de educação, alertar para o fato de que o mundo virtual que nela se constrói, não pode se transformar no mundo da vida. Trata-se de um mundo que representa o mundo sistêmico, repleto de suas características. Ao mergulhar nesse mundo virtual, temos a possibilidade de agir dentro do próprio sistema, mas corremos um imenso risco de sermos devorados pela superfície que quer tudo liso, sem rugosidades, sem

pensamentos. Se cairmos nessa sedução, não teremos a oportunidade de oferecer a nossos jovens uma educação capaz de lhes incentivar o civismo.

### **Referências**

- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**. São Paulo: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1989.
- LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MARINETTI, Filippo Tommaso. **Fundazione e Manifesto del Futurismo**. In: DE MARIA, Luciano (Org.). **Teoria e invenzione futurista**. Milano: Mondadori, 1968a.
- MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- VIRILIO, P. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

Artigo recebido em: 12/09/2011

Artigo aceito para publicação em: 28/10/2011